

LÍVIA MAGALHÃES
(organizadora)

Lugar de mulher
Feminismo e política no Brasil



© Lívia Magalhães et alii, 2017

© Oficina Raquel, 2017

EDITORES

Raquel Menezes e Luis Maffei

REVISÃO

Adolfo Silva

CAPA

Thiago Antônio Pereira

IMAGEM DA CAPA

Fernando Podolski

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Baptista (jcbaptista@gmail.com)



oficina

www.oficinaraquel.com

oficina@oficinaraquel.com

facebook.com/Editora-Oficina-Raquel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lugar de mulher : feminismo e política no Brasil / Lívia Magalhães (org.). – Rio de Janeiro : Oficina Raquel, 2017.

103 p. (Coleção Pensar político / coordenação Adriano de Freixo)

Glossário

ISBN: 978-85-9500-008-7

1. Feminismo 2. Feminismo – Brasil 3. Mulheres – Aspectos sociais I. Magalhães, Lívia II. Freixo, Adriano de III. Série

17-0915

CDD 305.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Feminismo

COLEÇÃO *PENSAR POLÍTICO*

O início da abertura política e da chamada “transição democrática”, no período final da ditadura civil-militar, marcou também o começo de um ciclo político caracterizado, por um lado, pela formação de uma inédita sociedade civil e, por outro, por um processo de construção institucional que perpassaria as décadas seguintes e que teria um de seus principais marcos na promulgação da Constituição de 1988. No entanto, mais de quarenta anos depois, esse processo está longe de terminar.

Apesar de, ao longo dessas quatro décadas, inúmeros avanços terem ocorrido, a jovem democracia brasileira se encontra longe de estar consolidada. Em uma sociedade profundamente desigual — mesmo com a notável melhora dos nossos indicadores sociais nestes primeiros anos do século XXI —, fortemente hierarquizada e marcada pela violência, real e simbólica, a tentação autoritária, muitas vezes travestida em salvacionismos, continua a ser um espectro a nos rondar e a cidadania plena ainda é um horizonte distante.

Compreender a dinâmica política dessa sociedade tão complexa e multifacetada e as complicadas tramas e teias nela presentes é sempre um desafio para os acadêmicos e intelectuais que se propõem a fazê-

-lo. Afinal, como assinala o historiador francês Pierre Rosanvallon, em *Por uma História do político* (Alameda, 2010), o *político* deve ser entendido como um processo social cuja natureza não está dada de forma imediata, e ao qual devem ser restituídas a espessura e a densidade das contradições a ele subjacentes — para tentar apreendê-lo, é necessário reconstruir o modo por que indivíduos e os grupos elaboraram a compreensão de suas situações, enfrentar os rechaços e as adesões a partir dos quais eles formularam seus objetivos e, fundamentalmente, retraçar de algum modo a maneira pela qual suas visões de mundo limitaram e organizaram o campo de suas ações.

É este desafio que a coleção *Pensar político*, da Oficina Raquel, se propõe a enfrentar, ao levar a um amplo público leitor os principais temas e debates da agenda política brasileira contemporânea, situando-os dentro de processos históricos mais longos e indo além das questões meramente conjunturais. Escritos em linguagem menos formal, mas sem perda do rigor acadêmico e da qualidade intelectual, os artigos que compõem cada um dos volumes da coleção — sempre articulados em torno de um eixo temático — são elaborados com o intuito de estimular a reflexão, o pensamento crítico e o debate político qualificado, vetores que são fundamentais para a construção de uma sociedade democrática e plural.

Adriano de Freixo
(Coordenador da coleção)

Sumário

Introdução	9
Feminismo(s): reflexões sobre silêncios, resistências e descontinuidades	18
Lená Medeiros de Menezes	
O feminismo negro como um <i>lugar</i> de pertença e aprendizado	42
Ynaê Lopes dos Santos	
Nem santas nem putas: estigmas comportamentais e violência de gênero	62
Erika Natasha Cardoso e Lívia Magalhães	
“Se nossas vidas não importam, produzam sem nós”: a greve internacional de mulheres, das origens ao amanhecer do dia seguinte	79
Aline Gatto Boueri	
Glossário	97
Sobre as autoras	99

Introdução

Mulher, tua apatia te mata
Não queira de graça
O que nem você dá pra você, mulher
Tua apatia te mata
O que você vai fazer
Vai dizer
O que vai acontecer com você
Hoje eu não quero falar de beleza
Ouvir você me chamar de princesa
Eu sou um monstro

(“Eu sou um monstro”, Karina Buhr)

Em 31 de agosto de 2016, consolidou-se no Brasil, através da ferramenta do impeachment, um golpe de estado contra a presidenta eleita democraticamente, Dilma Roussef. Estivemos diante de um golpe misógino e machista, que em sua construção, desde as eleições de 2014, quando Dilma venceu o candidato Aécio Neves, não poupou o discurso sexista e violento contra a presidenta.¹ Palavras como “puta”, “vaca”, “piranha” e outras de mesmo calão não são novidades para nenhuma de nós. Ao contrário, são comuns quando não seguimos determinados parâmetros sociais que nos são impostos. Ou até

¹ Mais sobre o tema em: Tânia Bessone; Beatriz G. Mamigonian e Hebe Mattos. *Historiadores pela democracia: O golpe de 2016 – a força do passado*. Rio de Janeiro, Alameda, 2016; e Sempre Viva Organização Feminista – SOF, “O golpe, além de antidemocrático, é patriarcal, machista e patronal”, 13/05/2016, disponível em: <http://www.sof.org.br/2016/05/13/o-golpe-alem-de-antidemocratico-e-patriarcal-machista-e-patronal/>

mesmo sem muitas justificativas, apenas como forma de nos desqualificar. Talvez o que tenha feito diferença neste caso é que vivemos uma época em que os movimentos feministas ocupam cada vez mais espaços, participam de debates políticos e sociais com mais intensidade e denunciam as ações do patriarcado através de novos lugares, que geram maior visibilidade à luta.

Com o avanço e popularização de novas tecnologias, principalmente a Internet, e as redes sociais, os movimentos sociais ganharam novo fôlego. Aprofundaram suas denúncias, ampliaram a militância. Hoje, não há de se negar que o feminismo é tema de debate público. A nova onda feminista ganhou até nome: *Primavera das Mulheres*. No contexto da revolução e expansão da Internet e das redes sociais, algumas ações ganharam destaque nos últimos anos.

Primeiro, veio a campanha *Chega de fiu fiu*, da ONG Think Olga, em julho de 2013, que procurou denunciar e mapear o assédio contra mulheres em locais públicos.² A campanha, que começou com a divulgação de imagens pela ONG contra esse tipo de violência, teve tal repercussão que se transformou em um movimento coletivo de denúncia, que resultou em um projeto e posteriormente em um livro, fruto da pesquisa realizada pela ONG³ analisando alguns dos casos denunciados:

Este site é uma tentativa de mapear os lugares mais incômodos e até perigosos para mulheres no Brasil. Se você sofreu assédio ou algum outro tipo de violência, compartilhe aqui seu depoimento. Também é possível dividir histórias que você testemunhou. Juntas, poderemos reunir dados importantes para combater esse problema.⁴

Pouco mais de dois anos depois, em outubro de 2015, uma nova campanha da Think Olga reativou polêmicas nas redes sociais: #meu-

² Mais em <http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/>.

³ Think Olga. *Meu corpo não é seu. Desvendando a violência contra a mulher*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.

⁴ <http://chegadefiufiu.com.br/>.

primeiro assédio.⁵ Desta vez, a denúncia se voltava ao assédio na infância, a partir de comentários sexuais sobre a participante de um programa infantil:

Uma menina de 12 anos se inscreve no programa de televisão, pois ama cozinhar. Na internet, homens se sentem atraídos por sua aparência e, ignorando sua idade, resolvem tecer comentários de cunho sexual sobre a criança. O fato gera revolta nas redes sociais, mas não é preciso ir longe para encontrar histórias parecidas: basta pedir para que as mulheres olhem para o próprio passado.

Quando elas são convidadas a contar a história da primeira vez que sofreram assédio, descobrimos que esse comportamento é muito mais comum do que se imagina – e só é preciso imaginar pois esse terror vive escondido sob um manto de culpa e segredo tecido pelo machismo para acobertar os homens e culpar as vítimas.⁶

Dois meses depois, em novembro de 2015, a campanha “Meu amigo secreto” tomou conta das redes sociais brasileiras. A corrente foi iniciada pelo coletivo feminista Não me Khalo,⁷ e o objetivo era simples: com a hashtag #MeuAmigoSecreto denunciar os homens que agiam de forma hipócrita em relação às mulheres.⁸

Apesar de incluir todo tipo de perfil masculino, as denúncias chamaram a atenção para um “novo” grupo: o dos *esquerdomachos*. À primeira vista, ele é um “fofo”, carinhoso, mente aberta, que entende as lutas feministas e as apoia. Mimada, histérica, exagerada, são al-

⁵ “Em campanha no Twitter, mulheres relatam primeiros casos de assédio que sofreram”. *Revista Fórum*. 22/10/2015. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2015/10/22/em-campanha-no-twitter-mulheres-relatam-primeiros-casos-de-assedio-que-sofreram/>

⁶ <http://chegadefufiu.com.br/>

⁷ www.naomekhalo.com

⁸ “#MeuAmigoSecreto: o que significa a tag que viralizou na Internet?”. *Pragmatismo político*. 26/11/2015. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/meuamigosecreto-o-que-significa-a-tag-que-viralizou-na-internet.html>

guns dos termos comuns ao abuso psicológico sofrido nesse tipo de relacionamento. O *gaslighting* é, de fato, um dos pontos marcantes deste tipo de violência. Em 2016, a campanha virou livro, coletando as principais denúncias.⁹

Essas três campanhas trouxeram para o debate público algo que a maioria da sociedade procura ignorar: a violência cotidiana e psicológica que atinge qualquer mulher. De um modo geral, o senso comum associava violência de gênero à casos extremos como agressões físicas e assassinatos. O que a Primavera Feminista ou a Quarta Onda Feminista¹⁰ trouxeram como mais impactante foi, além de reforçar a violência física já denunciada, expor outros tipos a que somos expostas em nosso cotidiano. Além disso, também rompeu com a ideia da violência de gênero como algo do âmbito privado, mostrando que assédio e violência também são constantes nos espaços públicos.¹¹ E o mais importante: mostraram que a violência, além de cotidiana, é feita por todos: nossos pais, amigos, familiares, namorados, maridos.

⁹ Bruna de Lara, Bruna Rangel e Gabriela Moura. *#Meuamigo secreto - feminismo além das redes - coletivo Não Me Kablo*. Edições De janeiro, 2016.

¹⁰ As chamadas Ondas feministas caracterizam os diferentes momentos da luta feminista ao longo da história. De uma maneira geral, a Primeira Onda se localizaria entre a Revolução Francesa e a ascensão do nazifascismo na Europa, e ficou conhecida como sufragista, por ser a luta do direito ao voto, sua bandeira mais conhecida. A Segunda Onda teria como marco os meados da década de 1960. Por sua vez, a Terceira Onda teria acontecido em meio à crise de paradigmas da década de 1980. Finalmente, a Quarta Onda pode ser reconhecida na segunda década do século XXI, profundamente marcada pelas redes sociais no espaço virtual. Em seu artigo nesta coletânea, Lená Medeiro de Menezes apresenta com maior profundidade esta periodização, destacando que ela é uma construção histórica de análise, que não consegue dar conta da pluralidade das lutas feministas.

¹¹ Segundo a ONG Think Olga, “As pesquisadoras Maria Filomena Gregori e Guita Debert reconstruíram o histórico de sentido e significados atribuídos à violência contra a mulher desde que essa definição nasceu no Brasil, na década de 1980, a partir da criação do SOS Mulher. As autoras chamam a atenção para o fato de essa problemática ser constantemente deslocada do espaço público para o privado, tanto no discurso corrente quanto nos mecanismos jurídicos criados para o atendimento das vítimas em situação de violência” (Think Olga, *Op. cit.*, doc. 357).

Provavelmente todo homem, em algum momento de sua vida, praticou algum tipo de violência contra uma mulher. Na realidade, praticou consecutivas formas de violência de gênero, sem sequer reconhecê-las como tal: “E isso é parte do problema: os homens não pensam na questão de gênero, nem notam que ela existe”.¹²

A legislação brasileira também avançou nas últimas décadas: em 1980, foi criado o SOS mulher; em 2006, a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e, em 2015, a Lei 13.104/15, que tipificou o feminicídio como crime hediondo. Mas ainda falta muito. Infelizmente, nem as lutas dos últimos séculos e a atual, assim como as leis, significam um panorama positivo. Apesar das conquistas, ainda vivemos uma realidade assustadora. Como aponta o Mapa da Violência de 2015, o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking mundial de feminicídios, com 4,8 a cada 100 mil mulheres assassinadas, o que significa 13 mulheres assassinadas por dia no país. Dessas vítimas, 4762, ou seja, 50,3%, foi morta por familiares, e 33,2% dos casos foram crimes cometidos pelo parceiro ou ex.¹³ Ou seja, ser mulher no Brasil hoje significa termos as mesmas chances de morte na rua como em casa, entre aqueles que, supostamente, nos amam. Como destacou a ONG Think Olga, homens e mulheres são vítimas de formas diferentes: eles, principalmente no espaço público; nós, majoritariamente vítimas de violência doméstica e sexual.¹⁴

O Mapa da Violência também destaca outro ponto que merece atenção e tem sido destaque na luta feminista: o assassinato de mulheres negras, que aumentou 54% entre 2003 e 2013. Essas mulheres são duplamente oprimidas, por gênero e raça, e vivem uma luta ainda maior para conquistar seu espaço e lugar de fala e garantir o protagonismo.

¹² Chimamanda Ngozi Adichie. *Sejamos todos feministas*. Trad. Christina Baum. São Paulo: Cia. das Letras, doc. 224, edição Kindle.

¹³ “Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil”. FLACSO/OPAS-OMS/ONU Mulheres/SPM, 2015.

¹⁴ Think Olga. *Op. cit.*

nismo em suas próprias demandas.¹⁵ E, de um modo geral, o feminismo como forma de luta política continua sendo atacado e questionado por diversos grupos sociais. Como aponta Chimamanda Ngozi,

(...) só queria ilustrar como a palavra “feminista” tem um peso negativo: a feminista odeia os homens, odeia sutiã, odeia a cultura africana, acha que as mulheres devem mandar nos homens; ela não se pinta, não se depila, está sempre zangada, não tem senso de humor, não usa desodorante.¹⁶

Reduzir o feminismo desta maneira é uma forma comum de deslegitimação. É ignorar os índices já mencionados, assim como outras estatísticas chamativas: que as mulheres continuam sendo majoritariamente responsáveis pelo trabalho doméstico, tanto do cuidado da casa como dos filhos; mulheres no mesmo cargo e com a mesma formação e função recebem salários menores que o de homens. Em março de 2017, em ocasião da celebração do Dia Internacional da Mulher, o jornal espanhol *El País* publicou uma interessante reportagem sobre desigualdade de gênero na Suécia, país que apareceu em quarto lugar em 2016 em lista do Fórum Econômico Mundial sobre igualdade de gênero¹⁷:

Asa Regnér, de 52 anos, ministra da Igualdade, admite que, apesar da consciência social e das medidas corretivas realizadas pelo Estado sueco durante muito tempo, a violência contra as mulheres continua sendo uma mácula. “Não somos um paraíso e não alcançamos a igualdade (...), Os níveis de agressão não caíram na última

¹⁵ Esse tema será trabalhado com maior profundidade no artigo de Yanê Lopes dos Santos nesta coletânea.

¹⁶ Chimamanda Ngozi Adichie. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Cia. das Letras, doc. 43, edição Kindle.

¹⁷ O ranking é anual, e está disponível em: <http://reports.weforum.org/global-gender-gap-report-2016/rankings/>

década. Em sua expressão mais extrema, os assassinatos, os números, estão baixando, mas temos 13 mortes por ano em um país de 10 milhões de habitantes”. Na Espanha, com uma população de 46,5 milhões, 44 mulheres foram assassinadas em 2016.¹⁸

Em 2014, decidi compartilhar a minha experiência de abuso psicológico em um relacionamento publicamente em um post do Facebook. Após tanto refletir sobre tornar ou não pública a minha história, o comentário de uma amiga que se aproximou para desabafar me fez mudar de ideia. Para ela, eu não entenderia o que ela sofria de fato, já que eu nunca passara por aquilo. Em silêncio, havia meses eu tentava entender e superar a minha dor. Ao torná-la pública, recebi imediatamente diversas mensagens de apoio, acusações (sempre virão) e testemunhos. Amigas e desconhecidas também sofreram ou sofriam em relacionamentos abusivos. A maioria delas, eu também não imaginava.

Antes disso, eu já me considerava e já era vista pela maioria das pessoas como feminista. Mas a experiência citada foi um divisor de águas: a partir dali, passei a entrar de cabeça em debates, leituras e polêmicas, muitas polêmicas. Eu, que já usei frases como “mas se você não se dá ao respeito”, percebi a superficialidade da minha consciência, e que era urgente eu me aprofundar. Acredito que, seguindo uma linhagem teórica, eu acabei envolvida totalmente pela considerada Quarta Onda do feminismo. O que significou uma total reviravolta na minha vida e em praticamente tudo que eu era, inclusive em rever conceitos e privilégios. E adquirir um novo e amplo vocabulário: *sororidade, misoginia, cis, maninterrupting, bropropriating, mansplaining, gaslighting, feminicídio, trans, empoderamento, friendzone, slutshaming, nb...*

¹⁸ “O paradoxo da Suécia, um paraíso da igualdade com uma enorme taxa de violência machista”. *El País*. 11/03/2016,. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/09/eps/1489066869_454079.html

Esta é uma obra coletiva, feita por mulheres. Nosso objetivo não é propor uma história conceitual ou factual do feminismo brasileiro, menos ainda análises acadêmicas profundas, mas abordar questões atuais que marcam as diversas lutas que vivenciamos. Alguns artigos terão um toque mais pessoal, partindo de uma experiência subjetiva para uma análise mais ampla das vertentes do feminismo hoje no Brasil e suas ações.

Abrindo a coletânea, temos o artigo da professora Lená Medeiro de Menezes, que recorre a trajetória das lutas feministas no Brasil desde o início do século XX – mais especificamente a partir das influências da Revolução Russa de 1917 e no contexto das lutas das sufragistas na Europa e nos Estados Unidos – até a atualidade, chamando atenção para o que aparece como objeto nos outros artigos: a heterogeneidade das lutas. Não podemos, de fato, falar em feminismo no singular. O movimento foi sempre marcado por diferentes agendas, em alguns momentos por questões mais pontuais, outros por temas mais amplos. Ao trazer para o debate a periodização em “ondas” do movimento feminista, Lená resgata essa heterogeneidade e traça um panorama mundial das lutas de mulheres após a Revolução Francesa, levantando questões sobre os feminismos brasileiros e suas lutas.

O segundo artigo é o de Ynaê Lopes dos Santos, sobre a questão de raça na luta feminista. Um tema sensível, mas que precisa ser discutido. Afinal, o recorte continua sendo, quase sempre, o das demandas dos feminismos brancos, excluindo também desses espaços as mulheres negras. A partir de sua experiência pessoal, Ynaê desenvolve uma análise do lugar do movimento negro dentro do feminismo, as lutas por visibilidade e o destaque atual dessa luta. A importância do lugar de fala e da consolidação do espaço das mulheres negras dentro da luta mais ampla do feminismo hoje marca grande parte dos conflitos entre as diversas vertentes do movimento. E traz uma importante questão: a necessidade de romper privilégios, inclusive entre nós, mulheres, que lutamos contra a opressão de gênero.

No terceiro artigo, tenho o prazer de dividir a escrita com Erika Natasha Cardoso, e procuramos trazer outra polêmica: o estigma de “puta” que marca a nós, mulheres. Além das opressões das trabalhadoras sexuais e do machismo e da violência a que tais mulheres estão expostas, discutimos o uso pejorativo do termo, como ofensa por comportamentos considerados pelo agressor como socialmente inadequados para nós, mulheres. O objetivo é chamar a atenção para como esse estigma que nos marca está diretamente ligado às violências que sofremos.

Finalmente, fechando a coletânea, temos o artigo de Aline Gatto Boueri. Ativista feminista, a autora nos traz uma interessante perspectiva dupla de suas realidades: os movimentos feministas hoje na Argentina e no Brasil. A campanha “Ni Una Menos”, que nasceu na Argentina em maio de 2015 e ganhou o mundo, é o ponto de partida da autora, que também discute o machismo na política brasileira pós-golpe de 2016.

Essa coletânea foi resultado do trabalho intenso de cinco mulheres, cada uma denunciando desde uma perspectiva a desigualdade de gênero, a violência contra a mulher e as novas formas de luta. Não foi, de forma alguma, uma escrita fácil. A avalanche de estatísticas e a noção de que somos ou provavelmente seremos parte delas gerou angústia, incômodos, dor. Mas também a certeza de que precisamos insistir no debate. Certamente os artigos irão gerar discussões controversas e polêmicas. Ficamos com uma certeza: se a obra incomodar, saberemos que escolhemos o caminho certo.

Lívia Gonçalves Magalhães,
março de 2017